

Rubem
Braga

M 190
CM 19.4.55
A. de T.

Notas de um diário chileno

De 15 de abril de 1955:

“Alta, muito alta, e branca, muito branca, de olhos verdes... Sonhei ter visto uma jovem assim? Terei sonhado ou sonhei que sonhava; não sei; essa môça devia ser irmã da árvore que vi pela primeira vez em noite de luar, erguendo para a noite azul os seus galhos unânimes. Mas de manhã, quando abri a janela, e o sol nascia sôbre a Cordilheira, é que ela esplendeu em tôda sua beleza.

Em muitos caminhos da Europa e do Sul do Brasil vi essa árvore; é um álamo, e foram os álamos que inventaram tôdas as alamêdas dêste mundo. Em minha rua santiaguina também há muitos; mas o mais alto de todos, o mais forte em viço, em beleza, está junto à calçada, no meu jardim.

Sou um homem confuso e distraído: minha rua chama-se Roberto Del Río e na primeira madrugada, quando voltava para casa, disse ao chofer que morava em Roberto Del Mar. O velho chileno riu muito dentro de seu casaco escuro, atrás de seus bigodes brancos; mas quando chegamos à rua e êle me perguntou o número da casa, não precisei puxar meu caderno de endereços para responder: apontei a mais de cem metros o meu álamo real.

Nenhuma árvore se lança com tanta veemência para o alto; lança-se o enorme tronco muito branco, lançam-se todos os galhos cobertos de fôlhas, num impulso de chama verde, vinte jatos de seiva partindo para cima, ao longo da mesma reta vertical.

Há um pinheiro extático e estático, há grandes salso-chorões derramados para o chão, e a

graça menina de uma cerejeira côr de vinho, que o sol oblíquo acende e faz fulgurar; mas o álamo junto do portão tem um vigor e uma pureza que me fazem bem pela manhã, como se tôda manhã, ao abrir a janela, eu visse uma jovem imensa, muito clara, de olhos verdes, de pé, sorrindo para mim.”

* *
*

De 10 de outubro de 1955:

“Passei dias no escritório lendo coisas, escrevendo coisas, discutindo coisas, telefonando, providenciando, funcionando. E enquanto isso ela invadia a bela República do Chile e dançava e sorria por todos os campos, entre a Cordilheira e o Mar. Ela havia chegado, e eu não a vira, a Primavera.

Árvores carregadas de flôres; a brisa espalhando no ar leves painas, pôlens, sementes de amor. Que verde vivo de fôlhas novas! Mas o campo de trigo está brilhando ao Sol com mil flôres amarelas. Pergunto ao lavrador que trabalha como se chamam essas flôres lindas que nascem no trigal. Êle me olha com admiração por ver um homem tão ignorante e responde: “yoyo”. Tenho um ataque de inteligência e traduzo: “joio”.

É o joio, eterno irmão do trigo, irmão pobre e ruim que é preciso separar do irmão rico e bom. “Separar o joio do trigo...”

Mas não agora, no começo de outubro; irmão joio é que estende o tapête dourado para que a Primavera venha bailar ao Sol, na República do Chile.”